

ANDAR COM GIL

Delia Fischer

24 / FEVEREIRO 2023

TECLAS & AFINS

**Delia Fischer e Ricardo Bacelar
lançam álbum que celebra a
obra do Gilberto Gil e conta
com a participação especial do
compositor baiano**



Ricardo Bacelar

© Leo Soares / Divulgação



Produzido a quatro mãos e gravado em Dolby Atmos no Jasmim Studio, em Fortaleza, o álbum acústico *Andar com Gil*, destaca o piano e as vozes de Delia Fischer e Ricardo Bacelar, em um repertório que privilegia canções que falam de espiritualidade. O projeto conta com a participação especialíssima de Gilberto Gil, o grande homenageado, na gravação da música “Prece”.

Delia Fischer e Ricardo Bacelar já haviam feito colaborações pontuais, mas só agora lançam um álbum totalmente concebido e gravado pelos dois: “Ficamos muito tempo pensando como seria o nosso primeiro trabalho. Veio a ideia de fazer uma releitura e o Gil foi a primeira pessoa que pensamos. A escolha pelo recorte da espiritualidade foi muito feliz, porque privilegia o lado sensível e poético do compositor. É um disco

sutil, no qual nós tocamos piano, teclado, instrumentos de percussão exóticos, tudo de forma minimalista”, pontua Bacelar.

“O álbum é fruto do convívio muito intenso que tivemos em estúdio. Gravamos vozes e piano ao vivo, juntos, em faixas como ‘A Paz’, ‘Oriente’ e ‘Aqui e Agora’, para capturar a emoção e o clima intimista das canções. A versão de ‘Palco’ também aconteceu com muita naturalidade”, conta Delia Fischer. “Foi uma decisão nossa, tanto o recorte da espiritualidade quanto a questão do piano, instrumento que Ricardo e eu temos em comum. Como o Gil é um excelente violonista, quisemos criar arranjos a partir do piano: ele é o fio condutor de todo o álbum. Ricardo, que é multi-instrumentista, trouxe ainda vários instrumentos de percussão, teclados e cordas”, finaliza.

No repertório, além das canções já citadas, incluindo ‘Prece’ - com Gilberto Gil terçando vozes com Delia e Ricardo, e Jaques Morelenbaum no violoncelo -, estão clássicos como “Se eu quiser falar com Deus”, “Andar com fé”, “Cada tempo em seu lugar” e “São João Xangô Menino”. Conversamos com os pianistas e cantores para saber mais sobre a concepção e a produção do álbum. Confira!

Quando vocês se conheceram?

Delia Fischer - Eu conheci o Ricardo por meio de uma amiga em comum. Ele na época tocava no Hanói-Hanói, início dos anos 90. Quando montei meu primeiro show solo, o convidei a ser tecladista. Então, conheci o Ricardo como músico da minha banda. Depois a gente perdeu um pouco o contato, ele foi para Fortaleza, nem sei quando, mas sei que o reencontrei em Fortaleza e depois a gente se reencontrou quando eu estava tocando num festival na Dinamarca e ele também, com a esposa dele.

Ricardo Bacelar - Eu e Delia nos conhecemos nos anos 90. Eu era do Hanói-Hanói, uma banda carioca, e ela tinha acabado de sair de um grupo chamado Duo Fênix. Ela me convidou para tocar com ela, fizemos uma temporada de shows aqui no Rio, numa casa de jazz chamada Rio Jazz Club, com participações de Nico Assumpção, Nivaldo Ornelas... Fizemos uma temporada de três dias, em Copacabana. E ficamos amigos desde então. Tivemos duas oportunidades em que trabalhamos juntos. Uma delas foi um single de um disco que fiz chamado Ao Vivo No Rio. Fiz no Blue Note e a convidei para fazer uma faixa, que é a música “Nada Será Como Antes”, do Milton Nascimento e do Ronaldo Bastos. E fizemos um single, que foi lançado com videoclipe. A outra oportunidade em que trabalhamos juntos foi na gravação de uma música chamada “Vício Elegante”, do Belchior. Regravei essa música e fiz um single aqui no Rio de Janeiro também, na Biscoito Fino, no estúdio da gravadora, e a Delia fez os arranjos de cordas para mim e produziu a faixa.

Como surgiu a ideia do álbum homenageando Gil? Como foi a concepção desse trabalho?

DF - Ricardo sempre falava: “Vamos fazer um disco!” e eu não via muito onde esse disco acontecer. Não estava entendendo o que poderia ser, mas, quando ele fez o Congênito, eu disse: “Ricardo, você está homenageando todo mundo que está fazendo oitenta anos?”. Ele disse que não, que não estava nem ligado nisso. Porque tem Caetano, tem Gil... Ele falou: “A gente podia fazer uma homenagem a esses caras tão importantes. Vamos fazer o Gil!”. Aí acredito que foi um desejo comum, “juntou a fome com a vontade de comer” (*risos*), porque Gil é muito importante para

todos nós. Não menosprezando todos os outros grandes ícones do Brasil, o Gil tem uma questão musical muito potente. Trabalhei muito como pianista, tive muito reconhecimento na área instrumental, depois fui para a área vocal. E o Gil tem essa coisa do violonista, ele é um compositor onde o violão é o fio condutor da canção. E aí pensei: “Se a gente levar para o piano, já é um desafio muito grande, já muda tudo, tirar, não ter o violão. Fazer o Gil sem esse violão?”.

RB - A Delia é uma amiga muito querida e nós queríamos fazer um álbum juntos. Ficamos um tempo nos perguntando por que e como faríamos esse trabalho. Nesse caminho, surgiu a ideia de fazer um tributo a algum artista e, com certeza, o primeiro nome que surgiu foi de Gilberto Gil, porque nós adoramos o Gil. E a concepção do trabalho foi em cima do piano. Nós dois somos pianistas, e o Gilberto Gil tem um repertório muito feito em cima do violão. O violão do Gil é que dá toda a diretriz das músicas que ele faz. Ele compõe as músicas no violão, tem um violão muito característico que ele faz, e que é muito bom. Só que a gente mudou o ponto de vista e colocou o ponto de vista dos pianistas, tocando a obra dele. E desenhamos um disco mais sutil. Foi a concepção de utilizar o piano como sendo a coisa principal, porque os dois são pianistas. Eu toco uma música, ela toca outra, a gente reveza...

E como foi a escolha do repertório?

DF - Para ser honesta, nem sei, porque eu já tinha tanto na cabeça a coisa do recorte da espiritualidade... Também tem isso: falar de um compositor como Gil é praticamente impossível. A coisa do recorte da espiritualidade foi muito feliz porque a gente também não tem a obrigação (de

nada): “ah, você não gravou Expresso 2222”, “nossa, não gravou “Esotérico”!”. “Esotérico”, por exemplo, a gente poderia ter gravado. Mesmo na escolha da espiritualidade, a coisa complica, porque o Gil é um filósofo, a obra dele passa por esse caminho o tempo inteiro. Então, sei que algumas eram meio óbvias para a gente. Levei “A Paz”, porque eu já havia até feito num show com o João Donato, já tinha cantado essa música, estava muito fresca na minha cabeça. Em algumas, a gente não “deu liga”: eu queria muito, o Ricardo não queria tanto e a gente acabou não fazendo. Acredito que o critério era que os dois quisessem muito.

RB - A escolha do repertório foi feita com muito cuidado e o fio condutor foi realmente a questão da espiritualidade porque a gente quis fazer um recorte. O Gil tem uma obra muito muito vasta e, se nós não fizéssemos esse recorte, talvez o disco ficasse um pouco perdido. Então a gente resolveu focar na questão da espiritualidade. Ele tem músicas muito profundas e trata dessas questões todas, e de forma ecumênica, ou seja, ele viaja pelos afrodescendentes, pelas matrizes africanas, pelo hinduísmo, pelo catolicismo de uma maneira muito natural. E nós abraçamos essa ideia ao fazer esse disco.

DF - Em algum momento, o Ricardo falou: “Está faltando alguma coisa da matriz africana”. E me lembrei de “São João Xangô Menino”, que eu acho que tem tudo a ver... Também acredito que tem que estar na nossa “embocadura”. É uma questão que eu falava muito com o Ricardo. A letra - trabalhei muitos anos com teatro musical -, não adianta ser uma coisa importante para o Gil se não for pra gente. Não adianta ficar numa falsidade total na nossa embocadura e eu achei que o São João deu num lugar certinho, porque fala da matriz africana,

mas fala de uma realidade de São João que é muito do Nordeste, que não é muito a minha, que sou do Sudeste, mas que foi muito interessante entender que tem a ligação de Xangô com São João. Essa música foi muito feliz, o Ricardo ficou muito feliz com ela também, que é muito importante para ele. Outras eram muito importantes para mim, tipo "Se eu quiser falar com Deus". Acho que para ele também, mas essa é em primeira pessoa. E achamos também que era importante ter no álbum uma música para eu cantar sozinha, outra para ele cantar sozinho. A escolha dele foi "Cada tempo em seu lugar", que também é belíssima. O resto foi muito negociado. A gente já tinha umas obviedades, tipo "Palco". Tem que ter palco! Isso a gente sabia. "Andar com fé", desde o começo, a gente sabia que tinha que ter, não tem como falar do Gil, da espiritualidade e não ter. Então, essas duas eram um pouco obrigatórias. Mas elas foram ficando meio para depois... E foi bom, porque eu, que sou muito "organizadinha", gosto de produzir tudo com antecedência, chegar com tudo pronto. Mas vi que com o Ricardo, pra gente ter uma boa colaboração, a gente tinha que fazer isso junto, senão não ia dar muito certo. Então, a gente falava da música e resolvia um pouco na hora. Assim foi feito com "Aqui e agora", "Palco", "Andar com fé"... "Vamos fazer essa música?". "Vamos!". A gente se sentava e fazia. Algumas, inclusive, foram feitas ao vivo. Como a gente tinha essa facilidade de o estúdio ser do Ricardo, eu falava: "Vamos fazer um take bom? Não! Vamos fazer um take ótimo e vamos aproveitar esse take ótimo com calma". Por exemplo, "A paz" a gente fez tudo junto: eu cantei e toquei ao mesmo tempo, Ricardo cantou também, valendo - o que é um negócio que não é muito usual hoje em dia, o pessoal gosta de



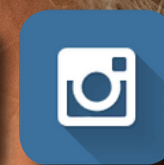
fazer tudo separado, para ter mais recursos de edição. Algumas, a gente escolheu por realmente fazer junto. "Aqui e agora" foi também todo mundo junto. Várias foram valendo. Algumas, claro, ele numa sala e eu em outra, de forma que também se pudesse consertar alguma coisa, mas todas guardando o espírito, várias sem clique. A que tem clique, "Palco", foi uma música um pouco mais montada, porque a gente sabia que queria colocar alguns elementos a mais.

Como foi o processo de pré-produção, com Ricardo em Fortaleza e Delia no Rio de Janeiro?

DF - As agendas não são muito simples, dos dois, então eu ia a Fortaleza, ficava lá por um fim de semana, produzindo. Foram três idas a Fortaleza para fazer o álbum. Essas conversas, obviamente foram rolando durante esse tempo e as viagens para Fortaleza era para gravação.

RB - Nós gravamos esse disco lá em Fortaleza, onde moro, no meu estúdio, no Jasmin. A Delia foi para lá e nós gravamos

Delia Fischer



© Nando Chagas / Divulgação

uma faixa por dia. Então, entrávamos no estúdio às vezes sem nenhuma ideia, e como meu estúdio é em casa, tínhamos esse conforto de entrar no estúdio e ir experimentando, tocando, cantando e ir gravando, assim, de maneira bem natural. Foram nove sessões de gravação ao todo, para nove músicas. Às vezes, a gente colocava uma voz no outro dia, mas a gente ia concebendo, experimentando. A gente se revezava nos pianos, eu também toquei outros instrumentos, percussão, bateria, baixo e alguns outros... No "Oriente", toquei sitar, instrumentos de percussão. E a gente foi equilibrando as funções e as letras. Nas músicas que são mais complexas em termos de arranjo, coloquei depois as percussões e tal, mas as concepções dos arranjos foram feitas em um dia para cada música.

Houve muitas surpresas?

DF – Não! (risos). Foi tudo bem azeitado, fizemos tudo bastante juntinho. Só teve em "Palco", um pouco, que ele colocou umas coisas que achei um pouco a mais, mas na mixagem a gente acertou. O Ricardo gosta muito da percussão, é natural, ele gosta de tocar percussão, como foi no Congêrito, em que ele fez muita coisa sozinho. E a gente falou: vamos fazer a história no piano, vamos trazer para esse lugar, até porque, na verdade, é minha trajetória, do Hoje, são discos que fiz muito em cima do piano e voz, que é muito legal, é muito favorável para voz. Por isso que briguei tanto pelo piano e voz, porque acho que a gente canta com uma liberdade muito grande. Às vezes, a massa sonora, que pode ser muito bonita, pode ser um pouco "trator", ela pode vir para a voz de maneira um pouco agressiva. Pessoalmente, adoro trabalhar com tempos fluidos. Claro, quando a música

é rítmica, ela tem o ritmo dela, mas quando é uma canção e eu posso brincar, acelerar... Acredito que isso é um pouco, talvez, da minha vivência da música clássica. Adoro cantar quando meu piano me torna mais livre para cantar. "Oriente", por exemplo. Estou estudando música clássica indiana, é uma paixão minha desde a pandemia, algo que tenho estudado. Então pensei: "O 'Oriente' vai ser uma bela homenagem para a Índia". E o Ricardo abriu uma gaveta e tinha sitar, harmônio... Ele abriu uma gaveta da Índia. "Ricardo, como assim?". E ele é ousado e sai tocando as coisas mesmo que ele não conheça, então ficou usando mais coisas. Mas foi uma surpresa bacana porque foi tudo numa medida bonita. Não adianta querer fazer um concerto de sitar se você não é o Ravi Shankar, mas ele fez frases muito bonitas. A gente chegou a gravar o harmônio junto... O "Oriente" ficou muito delicado, gostei muito do resultado. Eu acho que eu gosto do resultado do álbum inteiro, sou um pouco suspeita, não há nada ali que não tenha sido muito pensado para ficar daquele jeito.

Vocês dois são pianistas, mas de estilos diferentes. Em que isso influenciou na concepção dos arranjos?

RB - Os estilos pianísticos são bem diferentes, realmente. Cada um tem uma pegada diferente, porque são duas pessoas diferentes, mas acredito que eles são complementares. Pelo menos a gente fez um trabalho colaborativo porque ela, de repente, abre uma porta, eu abro outra e fomos caminhando com essas portas se abrindo. Eu acredito que isso deu uma certa riqueza, porque foi um trabalho feito à quatro mãos, duas cabeças. Como são dois artistas colaborando e cantando juntos, é interessante porque não é apenas



Ricardo Bacelar

o piano, mas a interpretação, o repertório, com a abordagem que se vai fazer.

DF - Sempre digo que o piano é meu melhor amigo para fazer música. Não escolhi o piano por uma paixão, “eu adoro o som do piano, quero tocar piano”. Não foi isso! Quando eu era criança, eu gostava de música, e passei pelo violão, por um monte de coisas. Mas percebi que o piano era um facilitador, ele abria um caminho para mim. O piano, por exemplo, quando eu entrei para a música clássica, era um game. Era um game que ia mudando de fases, e essas fases iam andando e me levando para um Villa-Lobos, para Debussy, para Ravel... Comecei a compor no piano. Que instrumento me dá a possibilidade de criar duas vozes diferentes ao mesmo tempo e ouvi-las? O violão pode fazer isso, mas ele “arranca o couro” para fazer isso. No piano, faço isso com o “pé nas costas”. Na verdade, no piano, eu posso fazer até quatro vozes, posso fazer uma fuga... O organista ainda pode colocar o pé e criar outra voz. Sempre considerei que o piano é um recurso, um facilitador. O violão tem a questão da corda solta, do timbre, talvez até mais bonito que o do piano, a rítmica... Mas o piano tem recursos harmônicos incríveis. O piano me serve como pensadora, como compositora, como arranjadora. O piano é muito facilitador para mim. E acredito que todo mundo deveria tocar piano. E digo mais: acredito que todo cantor deveria tocar piano, todo arranjador, todo compositor. Claro que cada um vai até onde pode e quer, mas cada um deveria sentar e saber fazer acordes. Isso, para mim, é obrigatório. No álbum, eu acredito que era muito “quem estava com a ideia na frente vinha e fazia”. Acredito que foi muito mais importante nesse álbum, como um álbum, digamos, de cantores e produtores. O piano está muito a

serviço da canção. Se está funcionando, se está bonito, vamos embora! Não teve muito essa preocupação “eu fiz tantos pianos, você fez tantos pianos...”. Está funcionando. Se descobriu uma onda na música, ótimo! Realmente, o Ricardo tem uma cabeça mais pop. Gosto muito da música pop, mas o Ricardo teve essa vivência maior. Então, a gente teve umas boas discussões, sabe? “Essa música tem que ter uma repetição aqui”, e eu achava que não”. As pequenas coisas que a gente discutiu foi para o bem do resultado. Isso foi muito legal. O piano é um instrumento a serviço da canção, da letra. Eu diria até que é um disco de cantores, embora o piano acompanhe, o protagonista é a voz.

RB - Tem horas em que ela canta sozinha, ou eu canto sozinho, depois a gente canta juntos. E uma coisa interessante é que nossa tessitura vocal combina muito bem, não precisamos modular muito... Quando um tom está bom para mim, para ela também está bom, então as regiões das vozes combinam muito bem, a minha mais grave, a dela médio-agudo. Então, funcionou muito bem.

Ambos são pianistas que se tornaram cantores. Como vocês vem isso?

RB - Nós dois somos pianistas que cantam. Para mim, o canto veio de forma muito natural. Sou uma pessoa que já toco piano há muitos anos, mas nunca me imaginei cantando. Mas a voz veio chegando, assim... Gravei uma primeira faixa em um disco, depois gravei outra, depois gravei mais duas. Aí fiz um disco, o Congênito, em que gravei todas as vozes, fiz um disco de intérprete. A voz, para mim, veio chegando, processo pelo qual a Delia já passou, vem há alguns anos nesse caminho.

DF - Eu tive uma crise. A música chegou a

virar uma crise para mim... Meu filho era pequeno, ele tem 24 anos, então, há 20 anos, eu "enchi o saco". Foi diferente do Ricardo. Eu não queria mais fazer música! Aí eu entendi que eu precisava falar, usar a palavra, usar a minha voz. Minha história com a voz vem de uma crise, de uma outra fase da minha vida e, hoje em dia, mais na maturidade, acho tudo muito mais leve. A gente não precisa mais dar tanta satisfação

aos outros. Quando comecei a cantar, foi um percurso mais duro, mais árduo, porque eu vinha com uma identidade muito forte como instrumentista, e uma cobrança enorme do meio. É diferente! A minha lida diária era ser pianista, tanto no jazz quanto acompanhando cantores, produzindo, como pianista. Então houve uma espécie de "opa, você é uma traidora!". Senti um clima. Algumas pessoas, claro. Pode ser viagem



minha, nem todo mundo ficou revoltado com isso. Mas não me senti acolhida nesse momento. Bobagem! Hoje, acho tudo isso uma bobagem, porque quem acolhe não é o meio musical, mas quem te ouve. Eu senti mais acolhimento dos cantores. Aos poucos, fui recebendo elogios dos cantores e os instrumentistas não estão dando bola... Então, acho que estou no caminho certo! Atualmente, depois de tanto tempo cantando publicamente - meu primeiro álbum cantado é de 2010, mas eu já vinha cantando em shows antes -, já entendi que em minha comunicação, quando canto, quando uso a letra e a voz, que é o que me interessa, quero falar ao público, ao coração das pessoas. Sempre digo que quero fazer música para os "civis". Não estou preocupada se o meio musical (aceita) - claro que são colegas, de quem quero respeito - mas o meu foco é trazer emoção para as pessoas. Então quando uso minhas redes, mostro o que estou fazendo e tenho respostas, aí eu vou para o céu. Agora, a coisa se mistura: tem gente que me conhece cantando, tem gente que me conhece do período de diretora musical de teatro, não sabe que eu vim de uma história instrumental antes... Isso tudo tem a ver com faixa etária. As pessoas mais antigas falam "conheço você da época do Duo Fênix". E eu falo: "que legal você me conhece da minha outra encadernação!" (risos). Porque eu era uma garota de 20 anos que tocava jazz. Minha vida era tocar jazz, improvisar "pra caramba". Hoje, vejo que aquilo - claro que eu gostava, não que eu detestasse fazer - foi um pouco movido pelo desafio de ser uma mulher que estava tocando com homem, mas era líder das coisas. Na época, não existia esse fenômeno. Não era a mulher que estava tocando como a namorada do fulano. E era

um desafio. Mas tive a necessidade de voltar para a MPB, que era meu lugar de conforto. Não cresci ouvindo Thelonious Monk, com todo o respeito que eu tenho ao Monk, ao (Charlie) Parker, ao Bud Powell, mas cresci ouvindo Chico, Milton "pra caramba", Beto Guedes, rock progressivo... Minha formação de menina foi muito a canção, então, é onde meu coração fica. Claro que falo do Beto Guedes porque me encantou, porque tinha uma parte instrumental muito bem sacada. O rock progressivo também. A música é aberta, não está numa gaveta. Quando a gente fala do Ricardo, é diferente: ele viu minha mudança, que talvez até o tenha inspirado nessa trajetória, mas sinto que é muito diferente o caminho dele. Ele está em outro momento da vida: ele é o produtor do disco dele, ele é o dono da gravadora, ele escolhe o que quer fazer. Certamente ele tem pressões que não tenho, mas, seja como for, a história do Ricardo, ousado dizer, que é parecida no sentido que o que ele cresceu ouvindo, também foi canção. Está na cara! Ele tem uma ligação com a canção, muito forte, senão ele não estaria cantando, não ia "curtir" cantar. E o Ricardo tem uma voz muito bonita, todo mundo gostou muito de ouvir ele cantando. Isso já estava dentro dele.

RB - Quando se toca piano, se fica muito ligado à questão musical, mas o cantor tem uma relação muito grande com a letra, como a música é cantada. Ele tem uma relação muito grande com a questão da mensagem e, também, uma relação com seu próprio corpo, porque a voz é um instrumento que está dentro de você, então você precisa se cuidar. Piano você pode tocar gripado, pode tocar com febre, enfim... A voz, não! Você tem que estar apto a cantar, não pode estar rouco, porque faz parte de seu aparelho, é um instrumento que está dentro de você,

então a abordagem é diferente. E tem a coisa emocional que também é diferente no canto. Mas acredito que o fato de termos esse caminho em comum - que é o canto e o piano, dois músicos que vêm da área instrumental, pianistas de jazz - ajudou bastante e é uma coisa que nos une como amigos e parceiros.

Como foi ter a participação de Gilberto Gil no disco?

RB - Gravamos oito faixas e convidamos o Gil para fazer uma última, que foi "Prece". E convidamos o Jaques Morelenbaum. Foi a única faixa que teve participações. O piano foi gravado lá no meu estúdio, no Jasmin, e nós colocamos voz no estúdio do Gil, chamado Palco. Encontramos Gil no Rio para colocar voz nessa música e gravamos o videoclipe. E o Jaques Morelenbaum colocou o violoncelo.

DF - Sempre falo que foi a benção do mestre, porque, imagina, foi o ano de 80 anos do Gilberto Gil e a gente se "meteu a besta" de fazer uma homenagem no meio de todas as homenagens. E é óbvio que isso foi difícil, porque, ao contatar a equipe, o retorno deles não foi tipo "Gil não pode", mas "o problema do Gil é o tempo". E aí entre vai e volta de conversar, falei: "Vamos deixar no tempo dele...". E aí foi muito louco, porque a gente foi gravando sem essa preocupação, se vai ter Gil. Fomos gravando... E aí, na última sessão, depois que o piano já tinha até desafinado, pensamos: "vamos deixar salva uma música para o Gil. E aí, a gente já pensou na "Prece", que tem tudo a ver, foi uma música muito feliz, de um Gil maduro, que representa o Gil da maturidade, o Gil que já tinha ficado doente, que já tinha falado dos pedacinhos do coração dele. É um Gil de outra fase da vida. A gente tem muito o Gil jovem, a maior parte das

músicas é de um Gil filósofo jovem. E "Prece" é de um Gil maduro, é de um senhor já. Ele já fez essa música mais velho, então, é um olhar tão diferente. Porque quando a gente fala da espiritualidade, quando a gente fala da filosofia, é óbvio que vem um pouco "o que vai ser depois", "eu estou aqui, amanhã não estou mais"... Por mais que a gente não queria, está lá, no cerne da questão espiritual. Isso está muito claro pra gente, e quando ele vai gravar... Eu não o conhecia, mas o Gil é muito mais sensível hoje em dia, talvez até por essa questão, de ter um legado, uma família. Mas é quando se tem qualquer pessoa de 80 anos, a gente já enxerga a vida com menos tempo. É a "envelhescência". A gente já olha isso. O que eu vou esperar? Não vou esperar aquela "tourada" daquela vida. Claro, tenho muitas ambições artísticas, mas não tenho aqueles desejos daquela vida pessoal que se tem aos 20, aqueles milhões de planos. Imagina aos 80... É outro lugar.

RB - Foi uma participação superbacana do álbum. Primeiro, foi um dia superemocionante, porque, como a letra da música é uma prece, uma oração, nós estávamos todos muito emocionados com aquele momento. Foi muito gratificante para todos. A gravação ficou muito bonita e foi uma experiência incrível dividir os vocais com Gil, cantar com ele. Então, acredito que o que trouxe para o disco, a participação do próprio homenageado, foi muito legal, enriqueceu muito o trabalho.

DF - Senti que tocou a ele essa música, a escolha tocou a ele. A escolha de estar lá fazendo isso com ele, o respeito pela obra dele... A devoção que a gente demonstrou foi muito tocante para ele, tenho certeza, foi muito claro! Foi muito bonito a gente poder dividir isso com ele. Diria que inesquecível! 🌈